

## O NEGRO NA LITERATURA POTIGUAR CONTEMPORÂNEA

### THE BLACK MAN IN CONTEMPORARY POTIGUAR LITERATURE

Francisco Humberlan Arruda de Oliveira (IFRN)<sup>1</sup>

Ana Luiza Siqueira Cunha (IFRN)<sup>2</sup>

Ana Clara de Souza Farias (IFRN)<sup>3</sup>

Marília Angélica Braga do Nascimento (IFRN)<sup>4</sup>

#### RESUMO

Este artigo é fruto de projeto de pesquisa que visou investigar as imagens do negro na literatura potiguar contemporânea. Como os estudos sobre a produção poética do Rio Grande do Norte são mais voltados para o início do século XX e a modernidade, este artigo analisa, a partir dos fundamentos teóricos, literários e culturais da figura do negro na contemporaneidade, as imagens suscitadas na poesia potiguar dos anos iniciais do século XXI. Este trabalho traz um recorte temporal compreendido entre os anos 2000 e 2021 focalizando três escritores: Alexandre Alves, Drika Duarte e Helena Monteiro. A seleção dos poemas levou em consideração dois critérios: i) a produção poética significativa em volume e/ou recepção crítica e; ii) a autoria e/ou temática do negro. Como aporte teórico, o artigo usa o conceito de Literatura Afrodescendente, de Duarte (2002), o de Literatura Suprarregional, de Arendt (2011), e o de Imagologia, de Ribeiro (2005). A nossa hipótese é a de que a escrita poética, de 2000 a 2020 no Rio Grande do Norte, é sucumbida pela noção de regional como espaço geográfico natural e pela crítica literária. Ainda que políticas identitárias tenham sido fomentadas no recorte temporal em questão, a imagem do negro é minimizada na produção poética potiguar, e a sua representação ocorre por meio de vozes dissonantes, e dispersas, no cenário cultural e literário potiguar.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura contemporânea; literatura potiguar; literatura afrodescendente; suprarregional.

#### ABSTRACT

This article is the result of a research project that aimed to investigate the images of the black man in contemporary Potiguar Literature. As the studies on the poetic production of Rio Grande do Norte are more focused on the early twentieth century and modernity, this article analyzes, from the theoretical, literary and cultural foundations of the black figure in contemporaneity, the images raised in the Potiguar poetry of the early years of the XXI century. This work brings a temporal cut between the years 2000 and 2021 focusing on three writers: Alexandre Alves, Drika Duarte and Helena Monteiro. The selection of poems took into consideration two criteria: i) the significant poetic production in volume and/or critical reception and; ii) the authorship and/or black theme. As theoretical support, the article uses the concept of Afro-descendant Literature, by Duarte (2002), the concept of Supreregional Literature, by Arendt (2011), and the concept of Imagology, by Ribeiro (2005). Our hypothesis is that poetic writing, from 2000 to 2020 in Rio Grande do Norte, is succumbed by the notion of regional as a natural geographical space and by literary criticism. Although identity policies have been fostered in the time frame in question, the black

<sup>1</sup> Doutor em Estudos da Linguagem com área de concentração em Literatura Comparada (UFRN). E-mail: [francisco.arruda@ifrn.edu.br](mailto:francisco.arruda@ifrn.edu.br);

<sup>2</sup> Aluna do Curso Técnico Integrado em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Campus* Ipangaçu (IFRN). E-mail: [cunha.luiza@escolar.ifrn.edu.br](mailto:cunha.luiza@escolar.ifrn.edu.br);

<sup>3</sup> Aluna do Curso Técnico Integrado em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Campus* Ipangaçu (IFRN). E-mail: [souza.farias@escolar.ifrn.edu.br](mailto:souza.farias@escolar.ifrn.edu.br);

<sup>4</sup> Doutora em Letras com área de concentração em Literatura Comparada (UFC). E-mail: [marilia.nascimento@ifrn.edu.br](mailto:marilia.nascimento@ifrn.edu.br).

man image is minimized in the Potiguar poetic production, and its representation occurs through dissonant voices, and dispersed, in the Potiguar cultural and literary scenario.

**KEYWORDS:** contemporary literature; Potiguar literature; Afro-descendant literature; supraregional.

## INTRODUÇÃO

É inegável que existem diversos trabalhos e pesquisas sobre a literatura potiguar, dos seus primórdios até a chamada poesia marginal ou geração mimeógrafo. Contudo, há uma efusão de novos escritores – e novos suportes – na contemporaneidade que coloca em discussão questões já solidificadas no cenário literário do Rio Grande do Norte: a noção de regionalismo, a temática e os espaços de circulação dos textos.

Para além desses pontos, é fundamental observar e analisar como as questões identitárias – temática amplamente discutida na contemporaneidade – estão sendo abordadas pela nova geração de escritores potiguares ou se esses temas não são pertinentes à escrita poética no Rio Grande do Norte.

Isso se justifica porque há uma relação tênue entre a literatura e a realidade referencial, isto é, no processo de composição literária o real serve não somente como temática, mas também como guia para atingir a verossimilhança. Nesse sentido, obras do contemporâneo não estão distantes da representação do real, seja ela engajada ou não, e por isso é importante analisar como a figura do negro é representada pela poesia potiguar do agora.

Soma-se a isso o fato de que a literatura brasileira contemporânea, em seu programa, tem o compromisso de ser representação sem necessariamente veicular um pensamento ideológico ou político (SCHÖLLHAMMER, 2011). Essa característica, digamos assim, do texto contemporâneo, não é uma imposição, nem é inerente a toda produção literária do momento, pois há formas distintas na circulação do texto literário e fatores que influenciam, tais como: local onde se escreve, onde e como é publicado, consciência coletiva sobre a função da literatura no momento, circulação, etc.

Um exemplo dessa miscelânea poética é a literatura regional, pois ela não está enquadrada naquilo que comumente é chamado de Literatura Brasileira, ou seja, é como se fosse uma forma do fazer literário de segunda categoria, sem os mesmos espaços de divulgação, recepção e crítica. Por mais que a produção regionalista tenha tido sua importância no processo de estabilização da literatura nacional – como na prosa romântica regionalista –, ela perdeu força ao longo do tempo ficando restrita aos limites geográficos de estados e municípios.

No Rio Grande do Norte, essa limitação geográfica gerou escritores anacrônicos e distantes das discussões estéticas, literárias e temáticas do seu tempo. O termo “pós-românticos”, cunhado pelo professor e pesquisador Humberto Hermenegildo de Araújo (2004), evidencia que poetas como Auta de Souza, Henrique Castriciano e Segundo Wanderley, por exemplo, estavam numa espécie de limbo literário, circulando entre o Romantismo, Simbolismo e Parnasianismo.

Deve-se a isso o fato de a crítica literária potiguar apontar Jorge Fernandes como único poeta moderno potiguar, mesmo que pesquisas recentes apontem para nomes pouco conhecidos no cenário local, como Helen Ingersoll<sup>5</sup>. Ainda assim, permanece Fernandes como sendo o ícone moderno nas terras potiguares. Contudo, o novo regionalismo vem superando essas barreiras e hoje já é possível perceber que há uma aproximação, na forma e na temática, da produção poética contemporânea e nacional.

---

<sup>5</sup> V. artigo de Alexandre Alves no site <https://tipicolocal.com.br/noticia/a-poesia-de-helen-ingersoll-encontrado-o-elo-perdido-entre-palmyra-wanderley-e-zila-mamede>.

Ambas as produções abusam do verso livre e de uma linguagem mais próxima do leitor, soma-se a isso a inserção da autoficção do *eu* e da representação do espaço urbano com os problemas e preconceitos que o afligem, característica essa herdada ainda das produções modernas e pós-modernas entre 1950 e 1980. Nesse sentido, a literatura potiguar contemporânea tem superado o regionalismo e feito o uso do suprarregionalismo literário.

Para Arendt (2011), o regional é limitado não somente pelo aspecto geográfico, mas também por outros fatores como o histórico, o social, o cultural e o editorial. São esses pontos responsáveis por referenciar Guimarães Rosa como escritor universal, mesmo que sua obra seja repleta de elementos de cor local, por exemplo. Enquanto Natércia Campos, escritora cearense, é vista como literatura regional.

A ideia de suprarregional não vem para limitar os regionalismos dos textos e autores, mas para ampliar os horizontes de circulação e o sistema literário. Nesse sentido, a produção contemporânea tem experimentado essa possibilidade, seja pela temática, seja pelos suportes em que essas obras circulam atingindo, assim, um número maior e distinto de leitores.

Para abordar as imagens do negro suscitadas pela poesia potiguar, usaremos o conceito de literatura afrodescendente do professor Eduardo de Assis Duarte. Como, para Duarte (2002), esse conceito, no Brasil, é mais ligado à temática que a cor da pele de quem escreve, selecionamos escritores tanto pela temática, como pela representatividade da população negra.

Soma-se ao aporte teórico sobre o novo regionalismo e à literatura afrodescendente, a análise das imagens sobre a população negra na contemporaneidade a partir do conceito de imagologia de Celeste Sousa (2005). A imagem que a literatura nos traz é permeada por uma série de leituras e releituras de pessoas, países, regiões, culturas, etc. Nesse sentido, a imagem do negro na poesia potiguar contemporânea pode ser uma forma de engajamento, posicionamento e denúncia.

Do ponto de vista metodológico, este artigo buscou analisar poemas produzidos nas duas primeiras décadas do século XXI (2000 – 2021). Como se trata de um trabalho oriundo de projeto de pesquisa em fase de finalização, realizado ainda durante a pandemia, portanto, de forma remota, as coletas de dados foram reduzidas a macrorregiões em que os pesquisadores se encontravam e/ou conheciam: região do Vale do Açu, Alto Oeste Potiguar e Natal e região metropolitana.

A relevância em abordar esta temática reside em três pontos: i) o fato de se tratar de pesquisa com discentes do ensino médio técnico do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – *Campus* Ipanguaçu que estão em processo de formação enquanto pesquisadores e estudando de forma remota – o que foi um incentivo; ii) o pouco espaço do poema em sala de aula e a necessidade de conhecer sobre a produção potiguar do agora; iii) a ausência de pesquisas sobre a figura do negro na poesia potiguar contemporânea.

Nesse sentido, considerando o espaço de abrangência da pesquisa, o tempo para finalização do projeto, as dificuldades de acesso a materiais devido à pandemia e a necessidade de recorte para compor este artigo, selecionamos os seguintes autores como representação da poesia potiguar contemporânea: Alexandre Alves, Drika Duarte e Helena Monteiro. Passemos às análises.

## **2 Dissonância na esquina do Brasil**

A ideia de que o Rio Grande do Norte seja uma esquina do Brasil reside, literalmente, na sua geografia em que se mostra um dos pontos mais próximos dos continentes Europeu e Africano. Do ponto de vista metafórico, o Estado se encontra muito distante do centro literário do país, o eixo Rio-São Paulo.

Essa distância vai além da geografia, é literária, de circulação e de valoração de escritores e de suas obras. Se, no passado, o distanciamento provocou uma mimetização de estilos literários

(ALVES, 2014), hoje já há uma autonomia, contudo, ainda dependente do eixo Rio-São Paulo no que tange ao mercado editorial, mesmo em tempos de Internet e de obras *on-line*.

É nesse cenário que encontramos a poética do professor universitário e crítico literário Alexandre Alves, natural de Natal/RN. Alves é autor de diversos artigos, ensaios e livros sobre literatura potiguar e, também, escreve para blogs locais sobre o mesmo tema – inclusive se debruçando sobre a produção contemporânea.

Seu último livro, *Ossos da Urbe*, foi lançado em 2020 pela editora local Sol Negro, sediada em Natal. O livro ficou em 2º lugar no Prêmio Othoniel Menezes de poesia, evento promovido pela Fundação Cultural Capitania das Artes (FUNCARTE) da Secretaria Municipal de Cultura de Natal/RN em 2019.

Note-se que Alves reúne em torno de si elementos que o caracterizam como poeta regional: sua experiência com a literatura local, publicado por uma editora municipal e referenciado pela sociedade literária natalense. Contudo, seu livro vai na contramão desses condicionantes, pois os poemas que visam trazer as imagens da cidade em pedaços (o poema é dedicado às árvores maltratadas em Natal), na verdade, não se limitam à cidade potiguar, já que o realismo ambiental exposto pode ser visto em qualquer grande capital também. Veja, a título de exemplo, um trecho do poema “cidade cega”:

Cidade cega  
Cão uivando para o sol  
Sombras de árvores mortas  
Passando sobre meus pés  
Intervalando uma fúria, muda e meio trêmula

Os poemas de *Ossos da Urbe* colocam em cena o espaço urbano e o homem, de maneira que ele possa conhecer a si mesmo. Exposta a relação complexa entre esses dois elementos que formam a cidade é que surgem as consequências da falta de harmonia entre as partes: exploração, fraqueza, desigualdades sociais, a natureza ferida, etc. É nesse ponto que aparece, ainda que de forma muito sutil e pontual, a imagem do negro na poesia de Alves.

Quando surge a imagem do corpo negro em sua poesia, ela passa a ser secundarizada em detrimento dessa relação do homem com a cidade. A intimação que o eu lírico faz para o leitor não reside sobre a situação desses corpos negros, mas sobre o espaço violento que todos compartilham em que se busca apontar que o problema não é apenas desses corpos violentados, mas de todos que vivem na cidade:

Brisas e balas  
Cruzando cores escuras  
Na estrada zero do silêncio  
Ocupando o frio perene  
Do fim tardio  
Da rua retorcida  
De sirenes em fuga  
Rua gelatinosa

A estrofe acima é do poema *canibalismo veranil (ou Copacabana sem braços)*, o título faz referência à violência e à ausência de empatia, afinal o Cristo já não se encontra mas de braços abertos sobre a Guanabara, como na canção de Tom Jobim, a qual podemos inferir no título do poema. Sem braços e abraços, a exploração destes corpos negros é vista do alto dos condomínios como se aquela violência não fosse contra todos também:

Nas varandas prediais  
Os olhos cegos do artifício  
De viver nas alturas  
Se inquietavam  
Procurando mais escuridões  
Sem notarem a treva  
De quem segura o gatilho

E os corações atonais de todos  
Últimas pontes humanas  
Esquentavam a íris diurna  
Cuja noite preenchida de estampidos  
Disparava odores  
Na escura fuga da urbe  
Sem dor sem curvas sem dentes

Para onde?

Se houvesse uma paisagem qualquer  
Uma bússola cega  
Uma montanha para esses corações atonais  
Se houvesse um rio qualquer um  
Mas o rio se foi  
(antena da raça: já não há mais rio)

O poema se encerra enfatizando a indiferença desses “corações atonais”, isto é, sem tonalidades, portanto, sem tomo, sem ritmo, sem empatia. A bala no asfalto que persegue corpos negros em ruas escuras não atrapalha a brisa daqueles que estão nos prédios, indiferentes. Mesmo as marcas dessa violência estando nas ruas, ainda há a indiferença:

Noite cercada  
Indiferente às balas  
Sua brisa salgada na calçada bicolor  
Azedando a pele  
Dos mendigos  
- logo eles que mal podem sonhar

Eis a vida  
Caçando a si mesma

Esse é o único poema em que a imagem do negro é mais objetiva, mesmo estando em segundo plano no processo de confrontar o homem e o espaço urbano. O fato de que não haja uma forma mais incisiva de abordar o preconceito e a violência contra a população negra nos poemas de *Ossos da Urbe*, não invalida a imagem suscitada e isso se dá por dois pontos: i) identificamos Alexandre Alves como um homem negro, isso já seria suficiente para trazer seu poema para compor este artigo, mas, além disso, a sua poesia quer trazer a realidade sem ser representativo; ii) a sua poesia segue a literatura contemporânea no que tange à linguagem que busca um efeito não somente de sentido, mas estético (SCHØLLHAMMER, 2011).

O que Alves faz no seu livro é refletir o real a partir do real, isto é, não busca um engajamento de ordem política, ideológica ou social, daí a imagem do negro não ser tratada de maneira particularizada, mas dentro de um campo maior de questões que a realidade referencial

traz. Schøllhammer (2011) vai dizer que esses escritores procuram “conciliar duas vertentes da história da literatura brasileira: a vertente modernista e experimental e a vertente realista engajada.”

Fica visível a presença dessas vertentes nos poemas de Alexandre Alves, pois há influência de Drummond, João Cabral e outros modernistas na sua escrita, e isso se associa a um posicionamento engajado sem deixar transparecer um programa social específico, apenas faz a exposição do real deixando ao leitor o papel de levantar uma bandeira de engajamento ideológico e político.

Em outro polo, demonstrando o engajamento com a questão do negro num posicionamento antirracista, está o livro *Negra Onawale*, de Drika Duarte, publicado em 2014 pela editora CJA Edições. Usamos aqui a segunda edição, de 2017. Drika Duarte é uma poeta nascida em Natal, no estado Rio Grande do Norte, no ano de 1985; é graduada em artes cênicas e pós-graduada em gestão cultural, ela já publicou mais de 5 livros, entre eles está o volume supracitado.

A obra, por meio de versos, conduz o leitor ao cenário histórico dos negros no Brasil, heranças deixadas pela escravidão e elementos da cultura africana que hoje fazem parte de algumas religiões do país. O título do livro remete à mulher negra, mas especialmente a expandir as origens africanas atribuindo o nome “Onawale” (aquele que retornou à origem) às crianças para expressar sua ancestralidade. “Chamamento” é o poema de abertura, em que o alerta para o preconceito enraizado no corpo social e a conversa direta com o interlocutor foram motivos de escolha para esta análise.

### Chamamento

Chega pra cá minha Mãe  
 Negra velha com sabor de café  
 Que mantém a vida em cada xícara de fé,  
 Restaura o homem com o antídoto do amor  
 Simplicidade e ternura para curar o torpor,

Dessa falsa medida que o velho tempo passou!  
 Como pode, minha negra, dizerem que é passado?  
 Se o preconceito inda anda no couro entranhado?

Se na rua inda sinto os resquícios do horror  
 Se o olhar para o negro, silenciosamente,  
 É sempre desconfiado!

Tô chamando, ó negra!  
 Senta aqui pra nós prosear  
 E só levanta desse banco  
 Quando nossa prosa acabar!

Logo no início, o chamamento é feito a uma mãe, porém pela estrutura da palavra percebe-se que se refere à Mãe África. Após a primeira estrofe ser conduzida por uma atmosfera aparentemente harmônica demonstrando uma pessoa neutra em relação às questões raciais, mais adiante o eu lírico se posiciona sobre o preconceito chamando a Mãe para uma conversa não por meio de convite, mas por imposição à própria comunidade negra, o que causa certa estranheza.

Além disso, é possível inferir que o poema faz uma referência ao livro *A falsa medida do homem*, escrito por Stephen Jay Gould, no qual discorre sobre a conspiração que buscava inferiorizar grupos minoritários, negros, por exemplo, utilizando o determinismo biológico e a craniometria para manipular imagens de crânios e justificar políticas racistas. Dessa forma, esses artifícios eram empregados de forma preconceituosa nos séculos XIX e XX, por isso o nome “falsa medida”.

“Pelourinho” é o segundo poema do livro em análise, no qual questiona-se a ideia compartilhada por muitas pessoas de que o racismo não existe. No entanto, a maneira sutil como ele é apresentado, sendo perceptível quando alcança seu ápice, diz muito sobre a forma como o racismo é tratado no Brasil. Assim, no decorrer do poema, são retratadas situações cotidianas que escondem o real motivo por trás de “uma vaga de emprego perdida”, por exemplo.

### **Pelourinho**

Onde ficou escondido  
Este velado conceito  
De que a dor do passado  
Já não existe de fato,  
E ficou lá a lembrança  
Do tronco pintado  
Com o sangue  
Do ser que foi escravizado.

Hoje, tudo é mais sutil  
É uma vaga de emprego perdida  
Uma dívida social não resolvida  
Camuflada e ridicularizada

Até que alguém extrapola  
Tira de dentro e bota para fora  
O preconceito guardado  
E chama o negro de macaco  
Ou manda voltar para a senzala  
A atendente da caixa

Ou a burguesia arrumada

Não aceita que um negro também  
Pode ser burguês  
E manda ele ir pelo elevador de serviço,  
"Porque negro não pode  
Pisar no solo que eu piso

Tudo isso meu camarada  
Não é criação poética  
São fatos reais, atuais  
Virou notícia  
Está nos jornais!

O pelourinho  
Ainda está firme  
E escorre pelo seu dorso  
As chicotadas que a vida dá  
Pelas mãos da ignorância  
Dos que ainda não aprenderam a amar.

Apesar de pesquisas feitas sobre os fatos discorridos, não foi possível identificar se há referência a um contexto específico que realmente aconteceu, ou se os casos não atingiram

repercussão na mídia, mas, de toda forma, é de conhecimento geral que são fatos corriqueiros, uma vez que 60% dos negros dizem ter sofrido racismo no trabalho.

Considerando o pelourinho como o local em que a população escravizada era castigada, a autora infere que casos de racismo da nossa época, mesmo que seja de forma velada, equivalem a tal punição. Nesse sentido, o poema acima trabalha na perspectiva do real pelo real.

O que se percebe é que Drika Duarte traz para sua poética as questões da realidade, o que, de certa maneira, rompe com o regionalismo tradicional. Porém, na linguagem e na forma, seus poemas se aproximam mais do tradicional com usos de sonetos, por exemplo. Soma-se a isso o mercado editorial mais restrito por se tratar de publicação com editora local. Nesse sentido, a sua poética insere-se na literatura afrodescendente, mesmo se tratando de uma escritora não negra, mas que ainda não realizou o transbordo da literatura regional para suprarregional, contudo já alcançou, pela temática, o contemporâneo.

### 3 O transbordo literário que vem do interior

Os poemas analisados a seguir são de autoria da poetisa santoantoniense Helena Monteiro, nascida em 29 de junho de 1968, na cidade de Santo Antônio, estado do Rio Grande do Norte. Os poemas intitulados “Braceletes”, “Batuque das senzalas” e “Nasci negra” foram publicados pela editora Offset, localizada no município de Natal, capital do Rio Grande do Norte, no período que compreende 2018 a 2021. Já o último poema a ser analisado, “Raízes ancestrais”, trata-se da participação da autora na antologia *Escrituras Negras: a mulher que reluz em mim*, organizada pela poetisa Jeovânia Pinheiro e publicada pela editora Ixtlan, localizada em São Paulo, no ano de 2020.

Conforme a pesquisa realizada e as discussões teóricas, podemos afirmar que a poetisa está inserida no contexto de literatura regional, levando em consideração a publicação de suas produções em editoras locais, sem descartarmos, no entanto, a possibilidade de sua inserção na esfera suprarregional, haja visto ter publicado também em editoras que ultrapassam os limites territoriais do estado e da região (ARENDETT, 2011). Trata-se de uma escritora negra abordando a temática do seu povo, considerando a construção histórica, cultural e simbólica que remete ao passado e também ao presente dos afrodescendentes (DUARTE, 2002). Tendo em vista o *corpus* selecionado para análise, vejamos, em primeiro lugar, o poema “Braceletes”, conforme transcrição de fragmento abaixo:

#### Braceletes

Sou filha das madrugadas,  
Esplendorosas, brinco ao luar,  
Douradas borboletas a esvoaçar.

Sou filha das madrugadas,  
Das noites escuras, pérola negra,  
Sabor de coco caramelado.

Por tradição sou guerreira,  
Abençoada pelas estrelas.  
Constelações azuis, prateadas...  
Resisti às tempestades  
Que o tempo preparou.  
Aos vendavais  
Que o vento me arrastou.  
Às lembranças  
Que a consciência guardou.

Incluído na coletânea *Um salto poético: antologia das escritoras santoantonienses* (1ª. ed. Offset, 2018), apresentando estrofes e versos de diferentes medidas, o poema em destaque aponta, desde o começo, as dores e dificuldades enfrentadas pelos afrodescendentes, fazendo, inicialmente, um apelo aos sentidos do leitor ao mencionar cores, movimentos e sabores. A autora utiliza a expressão “filha das madrugadas” para antecipar a ideia de que, enquanto negra, herdou sofrimentos vivenciados por seus ancestrais, contudo agrega valor ao seu povo se identificando como “pérola negra”, uma joia rara.

Na terceira estrofe, ao declarar “Por tradição sou guerreira”, reafirma sua identidade associada ao aspecto da resistência, ressaltando-a como uma cultura que é anterior ao seu nascimento. Os sentidos dessa expressão são explorados nos versos seguintes, que enumeram as adversidades repetidamente enfrentadas pelo povo negro e metaforizadas, por exemplo, nos termos “tempestades”, “vendavais”, “vento” e “lembranças”. Assim, o eu lírico afirma ter resistido ao que foi imposto a sua existência, mostrando-se consciente do passado doloroso vivenciado pelos africanos escravizados no território brasileiro, passado esse que ainda ressoa no tempo presente.

Ainda sinto o cheiro,  
Do navio negreiro.  
Em pleno mar, inquietas velas,  
Arrojadas contra o vento.  
Ouço o tinir dos ferros,  
Estalar de açoites...  
Quando visito o cais,  
Pra lembrar o soar das marés.

Renasci tantas vezes,  
Mas ainda tenho um corte na alma.  
Legiões de negros como a noite,  
Dançam à luz das chaminés,  
Sinto ânsia de liberdade,  
E uma sinfonia fantasma,  
Cambaleando aos meus ouvidos.

Tenho uma argola na orelha,  
O adorno dos braceletes.  
Turbilhão de pesadelos,  
Que me espreitam à noite.  
Meus cabelos pixains,  
Erguem negra bandeira.  
Estandarte que reluz ao sol,  
Sem entregá-los ao vento.  
Meus lábios carnudos,  
E o olhar saudoso,  
São herança da minha gente.

Nas estrofes seguintes, transcritas acima, a escritora ressalta as memórias de opressão em relação às condições dos negros e a sua chegada a partir de navios negreiros, remetendo também ao cais como um espaço de memória, materializando essas lembranças a partir de aspectos sonoros e visuais. Podemos observar um paradoxo em relação ao uso do verbo “renascer”, que, conjugado no pretérito perfeito, induz uma ideia de transformação ou reconstrução, entretanto esse renascimento debate-se com “um corte na alma” e com a “ânsia de liberdade”, expressões que

ênfaticamente, respectivamente, o desconforto da ferida e a sensação de ainda estar aprisionado. Por conseguinte, o eu lírico demonstra querer afastar-se do que priva a sua liberdade, sendo este também um desejo dos seus antepassados. São citados aspectos culturais e simbólicos que demonstram resistência à imposição cultural e ao apagamento de memórias, além de fatores genéticos como os cabelos pixains e os lábios carnudos, reafirmando as características próprias e dos seus ancestrais, sendo elas motivo de orgulho e fortalecimento da sua negritude e de alguém que não se deixa subjugar. Dessa forma, podemos perceber uma consciência aguda acerca do racismo como problemática que perdurou ao longo do tempo, na sociedade brasileira, persistindo até os dias atuais.

Ademais, é notória a influência da obra do poeta abolicionista Castro Alves na produção de Helena Monteiro, percebida não apenas no verso “Do navio negreiro”, mas também em outros, distribuídos ao longo do poema, os quais estabelecem uma nítida relação intertextual com a composição mais representativa daquele autor. São exemplos disso expressões como “brinco ao luar”, “douradas borboletas”, “o tinir dos ferros”, “Estalar de açoites”, “Legiões de negros como a noite”, escolhas vocabulares que compõem, com ligeira variação e sentidos semelhantes, em *O navio negreiro*. Os substantivos “bandeira” e “estandarte” também estão presentes em ambos os poemas, mas, se Alves tece uma crítica ao “Auriverde pendão de minha terra”, “Estandarte que a luz do sol encerra”, valendo-se da metonímia para denunciar o Brasil como nação escravagista, Monteiro, por sua vez, toma os “cabelos pixains” como “negra bandeira”, “Estandarte que reluz ao sol”, afirmando, peremptoriamente, sua identidade negra. Assim, enquanto o poeta baiano, em seu tempo, vale-se da poesia para defender os ideais favoráveis à abolição da escravidão, a poetisa potiguar escreve hoje trazendo à memória a crueldade do regime de escravidão ao qual os seus ancestrais foram submetidos, assumindo, também, uma postura de engajamento na luta contra a desigualdade racial.

### **Batuques das Senzalas**

Sinto cântico na alma  
Doce embalo dolente  
Espantando a tristeza  
Nos terreiros, cafezais e cabarés

[Sonho sonhos em noites de luar  
a palpitar a alma  
são os batuques das senzalas]

Perante os olhos, braços, gemidos  
O dorso vergado de um povo  
Coração rasgado  
Farpas, ferrões, punhais, lâminas  
A alma oscila entre a dúvida e a fé

Publicado na obra *A fala de nós* (1ª.ed. Offset, 2021), “Batuque das Senzalas” ressoa como voz de resistência, uma vez que, a despeito da “tristeza” que o eu poético exprime, ele busca espantá-la por meio do “cântico na alma”. Os cantos entoados “Nos terreiros, cafezais e cabarés” e os “batuques das senzalas” perduram como forma de manutenção da cultura negra e como embalo para um povo que tem “O dorso vergado” e o “Coração rasgado” pela opressão. Nesse poema, a poetisa cita os cantos dos escravos como meio para o enfrentamento da dura realidade que vivenciavam e que lhes acarretava um estado de depressão denominado Banzo, causado principalmente pela saudade de casa (HAAG, 2010).

Os sonhos com as manifestações culturais afrodescendentes funcionam como um grito, ainda que na esfera onírica, em prol da liberdade dentro do espaço opressor. Em sequência, cita-se uma série de armas, instrumentos utilizados para ferir e torturar os negros escravizados, além da alusão à intensidade das dores provocadas, que levam ao questionamento da fé.

E o que me resta é cantar por dentro  
Marejar os olhos de sonhos  
Espalhar sobre o verde dos canaviais  
Gritos, prantos e lamentos

[...]

Para lá dos recantos escuros  
Das madrugadas frias  
Onde os desvalidos murmuram:  
Desejos de transformar em força  
Desesperadas esperanças

O eu lírico revela o silenciamento de quem anseia por liberdade e expõe lamentações dentro dos espaços aos quais foi relegado, "canaviais", "recantos escuros". Destaca as aflições presentes nas recordações dos que são desamparados dos seus direitos, mas seguem lutando, tentando transformar em força a expectativa de alcançar a liberdade. Nesse sentido, é válido salientar que as adversidades enfrentadas cotidianamente, na história humana de forma geral, também estão presentes na literatura.

A murmuração de desvalidos também ganha forma literária, tornando-se registro da história de um povo e de uma época, mas a literatura de autoria e/ou de temática negra enfrenta dificuldades de publicação, assim como o reconhecimento de autores com etnicidade africana, devido às tentativas de branqueamento da população e demais empecilhos que estão em torno da imagem do negro na literatura e no convívio social (DUARTE, 2002).

### **Nasci Negra**

Quando nasci  
Revesti-me de segredos  
Ritmos e medos  
[Minhas vestes eram negras]  
Senti o afago nos braços do meu pai  
O riacho de lágrimas da minha mãe  
Riacho em que me banhei  
E anjos sussurram-me  
Ecoando a ancestralidade

Publicado no volume supracitado, "Nasci Negra" expõe o nascimento de uma criança negra que herda traços culturais do seu povo e também as angústias. São ressaltados aspectos da vivência da autora, que é filha de pai negro e de mãe descendente indígena. Acerca do pai, ela relata um sentimento de identificação e aproximação por ser ele alguém que entendia o que significava ser negro, mostrando-se capaz de acolher e amparar a filha diante das contrariedades. A influência dessas experiências é exposta no poema quando o eu lírico revela o afago dos braços do pai e as lágrimas da mãe, assim como associa sua identidade negra a uma ancestralidade.

Negra inteira me desejei  
 [Quando todos me queriam em pedaços]  
 O luar me reconstituía  
 E, se em pedaços me fizessem  
 Assim mesmo, seriam pedaços negros  
 Revestido de vontades negras  
 Até no espaço sideral transitaria um corpo negro  
 Carregando ramalhetes negros

O posicionamento da autora nos direciona ao estudo da imagologia e às tentativas de branqueamento da população negra em diversos momentos do nosso país, como ocorreu, por exemplo, no incentivo à vinda de imigrantes por parte do imperador Dom Pedro II, com o intuito de diminuir a quantidade de negros presentes no território brasileiro e proporcionar uma autoimagem positiva para o país (SOUSA, 2005). O eu poético afirma que, apesar das tentativas exteriores de fragmentação da sua identidade, ele insiste, continuamente, em mantê-la a todo custo, sugerindo que, mesmo após a morte, na passagem para outro plano de vida, seu corpo negro transitaria adornado igualmente com cores negras.

Pele carne alma negra  
 Que se recompõe nos corpos encharcados  
 De oceanos e anseios que se refazem  
 E clamam  
 - Olorum, pail

Nessa estrofe, utiliza-se, no verso inicial, uma sequência de palavras para demonstrar um processo de identificação que tem início na parte mais exterior do indivíduo, a pele, e o adentra até atingir o âmago do ser, a alma, que é também negra. Chama a atenção a ausência de vírgulas para separar os termos da sequência, recurso que intensifica a unidade do ser, indicando uma inseparabilidade das partes que o integram e reforçando a força de reação contra as tentativas externas de desintegração, "Quando todos me queriam em pedaços". Os versos finais enfatizam o aspecto da ancestralidade, evocada agora pela imagem dos "corpos encharcados de oceanos" e dos desejos, "anseios" (de liberdade?!) de um povo que clama por misericórdia a Olorum, Deus supremo da religião Iorubá. Passemos agora ao último poema do *corpus* escolhido para análise:

### **Raízes ancestrais**

A vida transcorre...

Nos guetos, becos, vilas, favelas  
 Expandem os sons dos tambores,  
 caxixis e atabaques

Gritos ecoaram nas madrugadas  
 Abrindo frestas, portas e janelas

Ganhando os terreiros, praças e avenidas  
 Espalhando sementes de alegria

Viagem - miragem - negritude  
 Pertencimento - Ancestralidade

Raízes da África - africanidade

Desperta o gingado - guerreiro

Atravessando os mares  
Sobrevivendo nos Palmares

Adentrando as Universidades  
Na trilha do saber, querer, bem - fazer

Meus quitutes, meus livros, meus discos  
E tudo mais que caiba nos pensamentos.

Veiculada através da antologia *Escrituras Negras: a mulher que reluz em mim*, organizada por Jeovânia Pinheiro e publicada pela Ixtlan, em 2020, essa produção poética está inserida em uma projeção suprarregional, considerando local de edição e alcance da obra (ARENDETT, 2011), a cidade de São Paulo, diferentemente do que ocorre aos outros poemas já analisados, que foram editados e publicados em território potiguar, região onde o mercado editorial é mais reduzido e as publicações têm menor repercussão.

Composto em sua maior parte por dísticos apresentando rimas que fogem a uma regularidade, o poema explora - em uma sequência temporal - a ocupação de espaços, com início nos “guetos, becos, vilas, favelas”, nos quais “A vida [negra] transcorre”. A presença dos afrodescendentes nesses ambientes revela fatores históricos que os colocaram às margens da sociedade, tendo em conta um processo de abolição da escravatura que não se preocupou em inserir esse grupo socialmente de maneira digna, acarretando consequências que transcendem as condições de moradia (LIMA, 2019). No entanto, é nesses espaços que a negritude se manifesta como celebração identitária, levada a efeito pelos “sons dos tambores, caxixis e atabaques”, que ecoam mundo afora, abrindo passagem, “Ganhando os terreiros, praças e avenidas”. Em seguida, o eu lírico relaciona o reconhecimento da negritude à conexão com as origens (“Pertencimento - Ancestralidade/Raízes da África - africanidade”), aludindo o caráter “guerreiro” e a luta pela sobrevivência, trazendo à tona a imagem dos quilombos, significativamente representada por Palmares, um dos principais refúgios dos negros escravizados na história do Brasil.

Nesse sentido, a escritora aborda, por meio de sua poesia, a importância de se impor, de se assumir etnicamente, mostrando que a atitude de não se deixar subjugar proporcionou o surgimento de novas oportunidades para as pessoas afrodescendentes, como a conquista de lugares sociais e de experiências culturais que lhes eram negados. Adentrar as Universidades “Na trilha do saber, querer, bem - fazer” tornou-se algo possível, mas é, ainda, inegavelmente, um grande desafio para a população negra do país, o que não impede, contudo, o “querer, bem - fazer/Meus quitutes, meus livros, meus discos/E tudo mais que caiba nos pensamentos”, conforme indicam os últimos versos do poema acima transcrito.

Por tudo o que apresenta (e representa), a produção de Helena Monteiro leva-nos a crer que ela pode ser inserida no conceito (ainda em construção) de literatura afro-brasileira defendido por Duarte (2002, 2010), haja vista a poetisa enunciar-se em seus textos como “uma voz autoral afrodescendente”, manifestando-se, muitas vezes, de maneira explícita no discurso, abordando temas afro-brasileiros, explorando a riqueza simbólica das palavras extraídas do campo semântico da cultura afrodescendente, mas, sobretudo, [por] um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo” (DUARTE, 2010, p. 122).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a literatura potiguar contemporânea é amplo, pois há uma diversidade de escritas que pretendem ou já realizaram o transbordo regional – como é o caso de Alexandre Alves

e Helena Monteiro – e outros autores estão nesse processo de aproximação do suprarregional, mas ainda com formas tradicionais, caso de Drika Duarte.

O artigo não busca reduzir ou definir a imagem do negro a partir da literatura contemporânea potiguar, mas fazer apontamentos, visto que é necessário estudo mais aprofundado para analisar outras obras e escritores. De toda forma, é possível perceber que há diferenças contundentes nessa abordagem.

Enquanto o poeta Alexandre Alves traz o tema diluído entre outros assuntos pertinentes à vida urbana nos grandes centros em que a imagem do negro é secundarizada, porém, ainda sim, há um engajamento não dito; Drika Duarte e Helena Monteiro já se mostram compromissadas em criar uma escrita de cunho “referencial”, sendo que esta última escreve a partir das suas próprias experiências, o que a aproxima da preocupação estética e literária da chamada “escrevivência”, termo cunhado pela escritora preta Conceição Evaristo.

Podemos afirmar que há uma escrita contemporânea atual em solo potiguar, preocupada em romper as barreiras do regionalismo por meio dos condicionantes culturais, editoriais e literários, e compromissada em denunciar toda sorte de exploração humana, em especial, o racismo.

Ainda é possível inferir que cada vez mais – mesmo que ainda de forma incipiente – mulheres e homens negros estão surgindo não apenas como temática na literatura potiguar, mas como autores também. Outro ponto positivo é de que, mesmo publicando em editoras locais, o que dificulta a circulação do texto, os escritores têm uma consciência de que suas poéticas estão em alinhamento com a percepção de discutir o real por meio do real, isto é, entendem que podem explorar os temas locais e, ao mesmo tempo, apresentarem uma escrita suprarregional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alexandre. **Ossos da Urbe**. Natal: Sol Negro Edições, 2020.

ALVES, Alexandre. **Poesia submersa: poetas e poemas no Rio Grande do Norte 1900-1950**, Volume I. Mossoró: Queima-Bucha, 2014.

ALVES, Castro. O navio negreiro. In: ALVES, Castro. **O navio negreiro e outros poemas**. São Paulo: Saraiva, 2007. p. 10-17.

ARENDDT, João Claudio. Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. **Pandaemonium** (Online), São Paulo, n. 17, p. 217-238, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-88372011000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-88372011000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 nov. 2021.

DUARTE, Drika. **Negra Onawale**. 2ª ed. Natal/RN: CJA Edições, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis. Notas sobre a Literatura Afro-Brasileira. In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis (orgs.). **Poéticas da diversidade**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002, pp. 47-61.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010.

HAAG, Carlos. A saudade que mata. **Revista Pesquisa FAPESP**. Edição 172, junho de 2010.

LIMA, Perla Arruda. **Negras histórias:** da senzala para a favela. Rondônia: UNIR, 2019.

MONTEIRO, Helena. **Um salto poético:** Antologia das escritoras santoantonienses. 1ª. Ed. Offset. Natal, 2018.

MONTEIRO, Helena. **A fala de nós** .1ª Ed. Offset. Natal, 2021.

MONTEIRO, Helena. **Escrituras Negras:** A mulher que reluz em mim (org. Jeovânia Pinheiro). Ed. Ixtlan. São Paulo, 2020.

SCHØLLAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SOUSA, Celeste Ribeiro. Perspectivas imagológicas. Apresentação. In: SOUSA, Celeste Ribeiro (org.). **Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I**. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005.

Submetido em 24-11-2021

Aceito em 22-04-2022